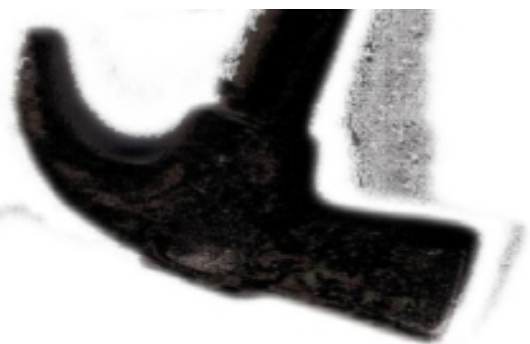


Emile Pouget A sabotagem



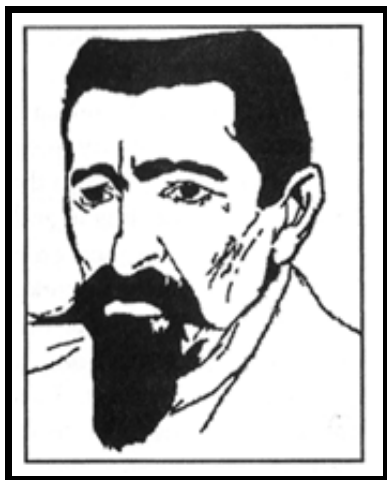


Esta primeira edição de **A sabotagem**
escrito por **Emile Pouget**
em **1897**
publica-se em versão galega
pela **CNT de Compostela**
em **Janeiro de 2011**

Sem copy-right

Prega-se que se comente, cópie, difunda, publicite, publique sem licença a presente brochura.

Esta brochura está impressa na sua totalidade em papel reciclado.



Emile Pouget nasceu em 1860 cerca de Rodez, no departamento de Aveyron. Seu pai, que se desempenhava como notário, morreu jovem. Sua mãe voltou a casar-se. Foi à escola secundária em Rodez, onde

começou seus estudos, iniciando ali sua paixão pelo jornalismo aos 15 anos. Fundou ali um jornal, *Le Lycéen républicain*.

Em 1875, morreu seu padrasto e Emile viu-se obrigado a abandonar a escola secundária para ganhar-se a vida. Depois de cumprir com seu horário de trabalho, começou a frequentar as reuniões públicas e grupos progressistas e rapidamente encontrou-se totalmente comprometido com a propaganda revolucionária.

Já em 1879, participou na fundação em Paris do sindicato de operários têxteis. Ali conseguiu publicar seu primeiro panfleto antimilitarista. Em 1881 uniu-se a um grupo de anarquistas franceses no Congresso Internacional de Londres, que seguiu à dissolução da Primeira Internacional. O 8 de março de 1883 a União de ebanistas convida aos desempregados a uma reunião ao ar livre que celebrar-se-á na Esplanade des Invalides. A polícia irrompera, e os manifestantes dispersaram-se e saquearam três padarias. Na praça Maubert o grupo que integravam Louise Michel e Pouget se enfrentou a uma força significativa da polícia. Quando a polícia se lançou para prender a Louise Michel, Pouget fez o que pôde para a liberar, mas também foi detido. Foi condenado a 8 anos de prisão por "roubo a mão armada", e permaneceu na prisão de Melun até 1886, graças a uma amnistia concedida depois da pressão de Rochefort.

O 24 de fevereiro de 1889 publicou-se a primeira edição de *Le Père*

Peinard um pequeno folheto, com reminiscências de *La Lanterne* de Rochefort e escrita no estilo pitoresco de Père Hubert Duchene, ainda que um pouco mais proletário. Desde os primeiros números de *Le Père Peinard*, alabava-se aos movimentos de greve e as manifestações do 1 de maio. Depois do assassinato em 1894 do presidente Sadi Carnot e a conseguinte repressão do movimento anarquista, marchou para Inglaterra a fim de evadir-se do Julgamento dos trinta. Voltou a França em 1895 devido à amnistia outorgada pelo presidente Félix Faure.

Em 1896, Pouget preconizava a ideia da sabotagem como médio de luta contra os capitalistas, ponto de vista expressado através de numerosos panfletos e artigos jornalísticos. Entre 1901 e 1908 foi eleito vice secretário da Confédération générale du travail (CGT), representando a tendência anarco-sindicalista do sindicato. Pouget também participou na Carta de Amiens de 1906, que estabeleceu as bases do sindicalismo francês. Ao ano seguinte dirigiu o jornal *A Voix du Peuple*, que era editado pela CGT desde o 1 de dezembro de 1900. Em 1909 distanciou-se do movimento sindicalista.

Nota introdutória

Emile Pouget é uma das figuras mais destacáveis da recuperação anarco-sindicalista que viveu a França a finais do XIX, depois das violentas perseguições pelos feitos da Comuna de Paris e depois da divisão da Internacional entre os seguidores de Marx, que optaram por um socialismo possibilista, e os anarquistas, que apostaram pela acção revolucionária do proletariado e renunciaram à conquista do poder político e à ditadura do proletariado.

Este escrito foi publicado por primeira no Almanaque de 1897 da revista *Lé Pere Peinard*, e logo seria modificado e estendido. Era *Lé Père Peinard*, uma publicação defensora da propaganda pelo feito, estava cheia de aclamações à acção directa, diatribas contra os burgueses e os capitalistas e entusiasmadas exaltações da violência revolucionária. Era leitura habitual do movimento anarquista francês (contava com uma tirada de 5000 exemplares), ao lado de outras publicações mais culturais e moderadas, como eram *La Révolte*, dirigida naquele momento por Kropotkin, ou a muito cultural e artística *La Revue Blanche*, que amalgamava o mais avançado do mundo artístico francês, como Jarry, Gide, Péguy, Debussy, Fénelon, Apollinaire, Toulouse-Lautrec, Blum, Proust, Mirbeau, Claudel ou Verlaine.

O presente escrito de Pouget foi um texto fundamental na deriva revolucionária do sindicalismo francês, chave nun momento de extensão das práticas da acção directa frente às mais possibilistas que dariam origem ao sindicalismo de corte marxista de tendência colaboracionista com o Estado. Foi também um escrito fundamental para a Carta de Amiens, escrito fundacional do sindicalismo anarquista, que logo seria assumida em todo mundo por organizações como a USI, a FAU, a CNT, a FORA e um grande número de federações operárias.

A actualidade deste texto não pode ficar mais clara. Nun momento de

liberalização total das relações de trabalho, de avanço da exploração operária a níveis decimonónicos, de prática sindical amansada, pactista, apaziguadora e retardatária como nunca, a afirmação dos métodos e as práticas revolucionárias da classe operária é mas importante que nunca. Três foram os meios básicos assumidos pelo anarco-sindicalismo, e a CNT desde a sua criação em 1910: a greve, o boicote e a sabotagem.

A afirmar a prática do terceiro deles dedica-se este escrito. É por isso que desde a CNT pomos em circulação esta primeira edição de A Sabotagem, de Emile Pouget, a primeira feita na Galiza de um texto fundamental e ao tempo de leitura agradável e divertida.

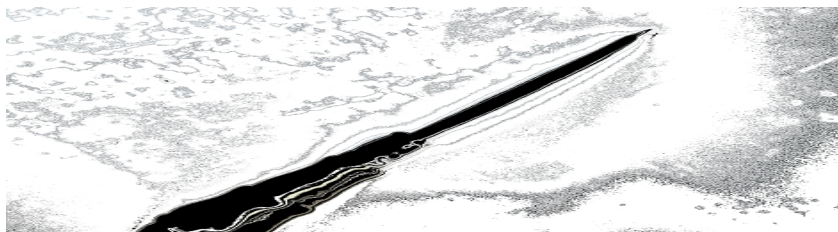
Aguardamos que sirva a sua publicação para estender a consciência operária e para fazer-vos passar um rato agradável.

Compostela
Dezembro de 2010

EMILE POUGET
A SABOTAGEM



A baliza histórica



A palavra sabotagem não era, apenas há quinze anos, senão um termo do argot significando, ilustrativa e expressivamente o trabalho executado como a golpes de casco¹.

A sabotagem, fórmula de combate social que recebeu batismo sindical no Congresso Confederal de Toulouse, em 1897, não foi, ao princípio, bem acolhido nos médios operários. Alguns lhe reprochavam seus origens anarquistas e sua immoralidade. Hoje goza, no entanto, da simpatia dos trabalhadores. Tem conquistado direito de cidadania até no Larousse, e nenhum duvida que a Académie – excepto que for sabotada ela própria antes de ter chegado ao S no seu dicionário – não vá resolver conceder-lhe à palavra sabotagem sua mais cerimoniosa reverência e abrir-lhe as páginas de seu oficial catálogo.

Seria um erro pensar que a classe operária, para praticar a sabotagem, esperou a que esta forma de luta tenha recebido a consagração dos Congressos corporativos. Como todas as formas de rebeldia, é tão velho como a exploração.

Desde que um homem teve a criminosa engenhosidade de sacar proveito do trabalho de seu semelhante, desde esse dia, o explorado, por ins-

1 Em francês, sabot, palavra da que deriva sabotagem.

tinto, procurou dar menos do que exigia seu patrão. Ao proceder assim, con tanta inconsciência como M. Jourdain² em falar em prosa, este explorado praticava a sabotagem, manifestando deste jeito, sem sabê-lo, o antagonismo irreductível que põe, um contra outro, ao capital e ao trabalho.

Consequência inevitável do conflito permanente que divide à sociedade, o genial Balzac trazia à tona há três quartos de século. Em **La Maison Nucingen**³, a propósito das sangrentas sublevações de Lyon, em 1831, dava-nos uma clara e incisiva definição da sabotagem.

Balzac tem cuidado de assinalar que a sabotagem dos canuts⁴ foi uma represália de vítimas. Vendendo a sisa, que no tecido fora substituída por óleo, vingavam-se dos fabricantes ferozes... desses fabricantes que tinham prometido aos operários da Croix Rousse⁵ dar-lhes baionetas para comer em vez de pão... demais cumpriram sua promessa.

Mas, de algum jeito pode apresentar-se um caso de sabotagem que não seja uma represália? E, efectivamente, na origem de qualquer acto de sabotagem, precedendo-o, não se revela acaso o acto da exploração?

E assim, esta, em qualquer das condições particulares nas que se manifestar, não engendra acaso – e não legitima portanto – todos os gestos de sublevação, quaisquer que forem?

Isto leva-nos à nossa primeira afirmação: a sabotagem é tão antiga como a exploração humana.

Por outra parte, não está limitado às fronteiras da França. Na sua actual formulação teórica, é uma importação inglesa. A sabotagem é conhecida e praticada para além do Canal da Mancha baixo o nome de Ca'Canny ou Go Canny, palavra do dialecto escocês da que a tradução, mais ou menos exacta, poderia ser: não cansedes.

O Go Canny consiste em pôr sistematicamente em prática a fórmula "a má paga, mal trabalho". Mas não somente se limita a isto. Desta fórmula, por lógica consequência derivão-se uma diversidade de manifestações da vontade operária em conflito com a rapacidade patronal.

Esta estratégia que, desde 1889, vimos de ver vulgarizada em In-

2 O burguês gentil-homem de Moliere.

3 Novela de 1838, parte das **Scènes de la vie parisienne** de **La comédie humaine**, de Balzac.

4 Tecedores de seda de Lyon.

5 Bairro do norte de Lyon.

glatterra e preconizada e praticada pelas organizações sindicais, não podia tardar em passar a Mancha. Efectivamente, algúns anos mais tarde infiltra-se nos círculos sindicais franceses. É em 1895 que encontramos, pela primeira vez, rasto duma manifestação teórica consciente da sabotagem.

O sindicato nacional das ferrovias dirigia naquela alutra uma campanha contra um projeto de lei – o projeto Merlin-Trarieux – que tencionava proibir aos ferroviários o direito ao sindicato. O Congresso expôs a questão de contestar ao voto desta lei com a greve geral, e a tal efeito, Guerard, secretário do sindicato, e por este cargo delegado no Congresso pela União Federativa do Centro (partido Allemanista) pronunciou um discurso categórico e preciso. Afirmou que os ferroviários não recuariam ante nenhum meio com tal de defender a liberdade sindical e que saberiam, dado o caso, traduzir a greve em efetiva por procedimentos próprios, fazendo alusão a um meio engenhoso e pouco custoso: "*com o montante mínimo de dois céntimos de certa substância, empregada com total conhecimento, é-nos possível deixar a uma locomotiva na impossibilidade de funcionar*".

Esta rotunda e brutal afirmação que abria horizontes imprevidos levantou muito ruído e suscitou uma profunda impressão entre a midia capitalista e do governo que, já antes, contemplavam com angústia a ameaça duma greve das ferrovias.

No entanto, se bem por este discurso de Guerard a questão da sabotagem ficava exposta, seria inexacto deduzir que não fizera o seu aparecimento na França até 23 de Junho de 1895. É desde então que começa a se vulgarizar entre as organizações sindicais, mas isso não quer dizer que até então havia sido ignorado.

Como prova de que era conhecido e praticado antes, bastará recordar, como um exemplo típico un corte célebre nos fastos telegráficos.

Foi por volta de 1881, os telegrafistas do Escritório Central, descontentes com as taxas de horas extraordinárias à noite, enviaram uma petição ao ministro, na altura M. Ad. Cochery. Reclamavam dez francos em vez de cinco que percebiam, de forma a garantir o seu serviço durante a noite até as sete da manhã. Durante vários dias aguardaram a resposta da administração. Depois de não conseguir isso e, além disso, ter sido avisados os empregados da Central que nem mesmo lhes seria atendida, houve sinais de agitação surda.

Para quatro ou cinco dias, as coisas permaneceram assim. O pessoal

da alta administração, engenheiros, com numerosas equipes de guardas e trabalhadores chegaram ao Escritório Central, expuseram todos os fios das linhas seguidas a partir da entrada dos esgotos até os dispositivos. Nada puderam descobrir.

Cinco dias após este corte memorável nos anais da Central, um aviso da administração advertiu que, doravante, o serviço da noite será tarifado em dez francos em vez de cinco. Não poderia pedir-se mais. A manhã do dia seguinte, todas as linhas tinham sido restauradas como que por magia.

Os autores do corte nunca foram identificados, e se a administração adivinhou sua motivação, os meios empregados permaneceram ignorados para sempre.

A partir deste momento, 1895, o impulso é dado. A sabotagem, que até então não havia sido praticada mais que inconscientemente, instintivamente pelos trabalhadores, receberá - sob o nome que se tornou popular - sua consagração teórica e tomará rango entre os métodos de luta comprovados, reconhecidos, aprovados e preconizados pelas organizações sindicais.

O Congresso confederal, realizado em Toulouse em 1897, tinha acabado de abrir. O governador de La Seine, M. de Selves, recusou aos delegados do Sindicato dos trabalhadores municipais que pediram férias para participar neste Congresso. A União dos Sindicatos de La Seine protestou, chamando a este veto, e com razão, violação da liberdade sindical.

Esta proibição foi tratada na primeira sessão do Congresso, e uma proposta de censura foi apresentada contra o governador de La Seine. Um delegado, que não era outro senão o autor deste estudo, observou o quão pouco se importava M. de Selves da censura de um congresso dos trabalhadores. E acrescentou:

Minha opinião é que, ao invés de apenas o protesto, o melhor é passar à ação, e que, em vez de sofrer os mandatos dos dirigentes, tornar o rosto para baixo quando eles ditar as suas fantasias, a resposta mais eficaz seria revidar golpe por golpe. Por que não responder a um tapa com um chute?

Explicava que as minhas observações são provenientes de uma luta tática que o Congresso seria convocado a deliberar. Desta forma, lembre-se a impressão e medo com que o mundo capitalista se tinha estre-

mecido quando o camarada Guérard havia dito que o montante mínimo de dois cêntimos... gastado com sabedoria... seria suficiente para os ferroviários a deixar um trem, equipado com poderosas máquinas de vapor, incapaz de arrancar.

Mais tarde, recordando esta tática revolucionária à que fazia referência seria discutido durante o Congresso, concluímos apresentando a seguinte proposição:

O Congresso, reconhecendo que é desnecessária a censura do governo - que não é outro seu papel senão o de empurrar para controlar os trabalhadores - compromete aos trabalhadores municipais para causar danos por valor de cem e mil francos nos serviços da Vila de Paris, para recompensar a M. de Selves pelo seu veto.

Era um balão sonda! ... E não foi muito longe. Em princípio, a surpresa foi tão grande em muitos dos delegados que ao primeiro não entendiam o significado voluntariamente extremista da proposta.

Houve propostas, e a agenda do dia, pura e simplesmente, enterrou minha proposta. Que fez isso! O objectivo tinha sido alcançado, havia despertado a atenção do Congresso, foi aberta a discussão, a reflexão provocada.

Bem, alguns dias depois, o relatório elaborado pela Comissão sobre o boicote e sabotagem foi acolhido pela assembleia sindical com a simpatia maior e mais quente. Neste relatório, após ter definido, explicado e defendido a sabotagem, a Comissão acrescentou:

Até agora, os trabalhadores afirmaram-se revolucionários, mas na maioria das vezes permanecem no reino da teoria, têm trabalhado na extensão das idéias de emancipação, têm desenvolvido e tentado esboçar um plano para uma futura sociedade na qual a exploração humana seria eliminada.

Só uma coisa, por que ao lado deste trabalho educacional, cuja necessidade não é contestável, nada foi tentado para resistir às usurpações capitalistas e, tanto quanto possível, tornár menos duros sobre os trabalhadores os requisitos patronais?

Em nossas reuniões, sempre se levantaram as sessões ao grito de "Viva a Revolução Social", e longe de ser concretar em qualquer acto, os gritos são dissolvidos no ruído.

É também lamentável que os Congressos, que sempre alegam sua firmeza revolucionária, ainda não têm defendido soluções práticas para deixar o campo das palavras e entrar em acção.

De facto, e mesmo aí, como arma de aspecto revolucionário, não tem sido defen-

dida senão a greve, e tem sido usada e usa-se diariamente. Além da greve, achamos que existem outros meios que usar que podem, até certo ponto, manter em xeque os capitalistas...

Um desses meios é o boicote, mas a Comissão considera que ele é ineficaz contra o fabricante, o industrial. Precisamos, portanto, outra coisa, e essa outra coisa é a sabotagem.

Citemos o relatório:

Essa tática, como o boicote, vem da Inglaterra, onde tem prestado grandes serviços na luta que os trabalhadores sostêm contra os empregadores. Lá é conhecida sob o nome de "Go Canny", a má paga, mal trabalho.

Esta linha de acção, empregada pelos companheiros britânicos, acreditamos que se pode aplicar em França, porque a nossa situação social é idêntica à dos nossos irmãos ingleses.

Resta determinar em que formas deve ser praticada a sabotagem. Nós todos sabemos que o explorador geralmente escolhe, para aumentar a nossa escravidão, o momento em que são mais difíceis de resistir suas usurpações mediante a greve parcial, o único meio utilizado até a data.

Presos na engrenagem, incapazes de declarar-se em greve, os trabalhadores afectados sofrem as novas exigências do capitalista.

Com a sabotagem tudo é diferente: os trabalhadores podem resistir, já não estão completamente à mercê do capital; já não são a carne mole que o amo modela à vontade; tem um meio de fazer valer a sua força, e de provar ao opressor que não são marionetes à sua vontade.

Além disso, a sabotagem não é nova como parece, os trabalhadores têm sempre praticado individualmente, mas sem método. Instintivamente. Sempre diminuíram a produção quando o empregador tem aumentado suas exigências; inadvertidamente aplicaram a fórmula: a má paga, mal trabalho.

E pode-se dizer que em algumas indústrias nas quais o trabalho por peça tem substituído o trabalho a jornal, uma das causas desta substituição foi a sabotagem, que consistia então em proporcionar ao dia a menor quantidade de trabalho possível.

Se essa tática já tem dado resultado, praticado sem espírito de continuidade, o que não dará o dia em que se tornar uma ameaça permanente para os capitalistas?

E não acrediteis, camaradas, que substituindo o trabalho a jornal pelo trabalho a peça, os empregadores têm sido colocados ao abrigo de sabotagem; esta tática não é limitada ao trabalho a jornal.

A sabotagem pode e deve ser praticada no trabalho por peça. Mas lá, o curso de ação é diferente: restringir a produção do trabalhador seria restringir o seu salário. Por conseguinte, é necessário aplicar a sabotagem à qualidade. E então, não apenas o trabalhador dará ao comprador de sua força de trabalho mais com o mesmo dinheiro, mas mesmo o acometerá em seu cliente, permitindo-lhe renovar indefinidamente o capital, a base da exploração da classe trabalhadora. Por este meio, o explorador será forçado, seja a recapacitar concordando com as reivindicações formuladas, ou a voltar a colocar as ferramentas nas mãos dos produtores só.

Dois casos são atualmente: o caso em que o trabalho por peça é feito em casa, com um material pertencente ao trabalhador, e aquele em que o trabalho é centralizado na fábrica. No segundo caso, a sabotagem das mercadorias engade-se a sabotagem nas ferramentas.

E, para isso, basta lembrar a impressão que se produziu no mundo burguês, quando há três anos se soube que os trabalhadores ferroviários podiam com dois centavos dum determinado ingrediente, deixar uma locomotiva na incapacidade de funcionar. Esta impressão é para nós um aviso do que conseguiriam os trabalhadores conscientes e organizados.

Com o boicote e o seu complemento indispensável, a sabotagem, temos uma arma de resistência efectiva que, aguardando o dia em que os trabalhadores serão suficientemente fortes para emancipar-se plenamente, permitirá-nos enfrentar a exploração da que somos vítimas.

É preciso que os capitalistas saibam: o trabalhador não respeitará a máquina, se não o dia que for transformada numa amiga que abrevia o trabalho, em vez de ser, como agora, o inimigo, o ladrão de pão, o assassino de trabalhadores.

Ao concluir este relatório, a Comissão propôs ao Congresso a seguinte resolução:

Toda vez que se levantara um conflito entre empregadores e trabalhadores, quer que o conflito é devido às exigências dos empregadores, quer se deva à iniciativa dos trabalhadores, e se a greve não parece oferecer resultados aos trabalhadores, que se aplicam ao boicote ou sabotagem - ou os dois simultaneamente - inspirando-se nos dados que vimos de expôr.

A leitura deste relatório foi recebida com aplausos por unanimidade pelo Congresso. Era mais do que aprovação: foi o êxtase. Todos os delegados tinham sido conquistados entusiasmados. Nem uma voz discordante foi levantada para criticar ou apenas demonstrar o menor comentário ou reclamação.

O delegado da Federação do livro, Hamelin, não era o menos entusiasmado. Aprovou firmemente as táticas adoptadas e o declarou, em termos inequívocos, que a acta do Congresso recolhe assim:

Todos os meios são bons para ter sucesso, disse ele. Gostaria de acrescentar que há uma abundância de meios a empregar para atingir o sucesso, fácil de aplicar, desde que sejam inteligentemente. Eu quis dizer que há coisas que não deveriam ser ditas, mas feitas. Entendeis.

Sei muito bem que, se precisarmos, pode-se-me perguntar se eu tenho o direito de fazer isto ou aquilo, mas se continuarmos fazendo apenas o que é permitido fazer, não conseguimos nada. Ao entrar no caminho revolucionário, há que fazê-lo com coragem, e quando a cabeça passou também deve passar o corpo.

Aplausos calorosos ressaltaram o discurso do delegado da Federação do livro e, após vários oradores tinham adicionado alguma aprovação, sem sequer uma palavra contraditória, a seguinte moção foi aprovada por unanimidade:

O Sindicato dos Empregados do Comércio de Toulouse convida ao Congresso à votação por aclamação das conclusões do relatório e implementá-lo na primeira oportunidade.

O batismo da sabotagem não poderia ser mais louvado. E não foi um sucesso momentâneo, um flash na panela depois de um conjunto de debates, a simpatia unânime com que acabava de ser recebido não foi negada. No próximo Congresso Confederal, realizado em Rennes, em 1898, não foram economizadas aprovações para a nova tática.

Entre os palestrantes que durante o debate tomaram a palavra para aprová-la, citemos, entre outros, o cidadão Lauche, actualmente deputado por Paris, que disse em que medida o Sindicato dos Mecânicos de La Siene, do que era delegado, ficou satisfeito com as decisões tomadas no Congresso de Toulouse sobre o boicote e a sabotagem.

O delegado da Federação dos Cozinheiros marcou um sucesso e incentivou o Congresso ao contar com humor inteligente e bem-humorado o seguinte caso de sabotagem: os cozinheiros de um grande estabelecimento parisiense, tendo motivos de queixa com o seu empregador, permaneceram em seus postos durante todo o dia, os fogos acesos; mas, no momento em que os clientes correram para o salão, havia nas panelas apenas tijolos fervendo em companhia do pêndulo do restaurante!

Uma terceira e última vez sofreu a sabotagem o festim de um Con-

gresso. Foi em 1900, durante o Congresso Confederal realizado em Paris.

Aquela era uma época turva. Sob a influência de Millerand⁶, ministro do Comércio, observou-se um desvio que tinha sua causa nas tentações do poder. Muitos activistas ficaram encorajados pelos encantos corruptores do ministério, e algumas organizações sindicais foram atraídas para uma política de paz social que, de ter prevalecido, teria sido fatal para o movimento das corporações. Teria sido para ele, senão ruína e morte, pelo menos colapso e impotência.

Apontava já o antagonismo entre sindicalistas revolucionários e reformistas. Nesta contenda interna, a discussão e a votação da sabotagem, produziram uma primeira e embrionária expressão. Depois que vários oradores falaram em favor de sabotagem, uma voz se ergueu para condená-la: a do presidente da sessão⁷.

Ele afirmou: *“se eu não tivesse tido a honra de presidir, teria-me absterido combater a sabotagem, proposta pelo camarada Riom e pelo camarada Beausoleil”*; ele acrescentou que *“considero como mais prejudicial do que útil para os interesses dos trabalhadores, e como repugnante à dignidade de muitos trabalhadores”*.

Para apreciar em valor esta condena da sabotagem, basta observar que algumas semanas mais tarde, não foi repugnante à dignidade deste moralista impecável e metuculoso, ser fornecido, através dos bons officios do Millerand, de um pistolão totalmente descansado.

O informador da Comissão da que dependia a sabotagem, escolhido por seu trabalho sobre “a demonstração sindical” era um adversário da sabotagem. Assim, disse nestes termos:

Eu ainda tenbo algumas palavras a dizer sobre a sabotagem. Vou dizê-las de forma franca e precisa. Admiro aqueles que tiveram a coragem de sabotar um explorador, devo engadir que mesmo muitas vezes eu ri com as histórias que nos foram contadas da sabotagem, mas pela minha parte, eu não me atrevo a fazer o que esses bons amigos fizeram. Então, minha conclusão é que, se eu não tiver a coragem de realizar

6 Político, advogado, sociólogo e publicista, orador socialista francês excelente, que foi presidente da República de 1902 a 1924.

7 Esta é M. Treich, secretário na época da Bolsa de Emprego de Limoges, ardente guesdista, nomeado logo após arrecadador de Bordeaux.

Por guesdista refire-se a seguidor de Jules Guesde, defensor da Comuna de Paris, após a que teve que se exilar a Geneve, voltando em 1876. Líder marxista-leninista, dirigiu várias publicações, entre ellas *“Le crit du peuple”*, *“La voix du Peuple”*, *“Le socialiste”*, *“Egalité”*. Foi ministro do gabinete Viviani.

uma ação, seria covardia da minha parte convidar a outro para fazê-la.

Confesso que, no caso de causar danos a uma ferramenta, ou qualquer coisa confiada aos meus cuidados, não é o temor de Deus que paralisa a minha coragem, mas o medo do gendarme!

Deixo em suas mãos o destino da sabotagem.

No entanto, o Congresso não endossou as opiniões do informante. Ele propôs um destino para a sabotagem, mas estava destinada para outro.

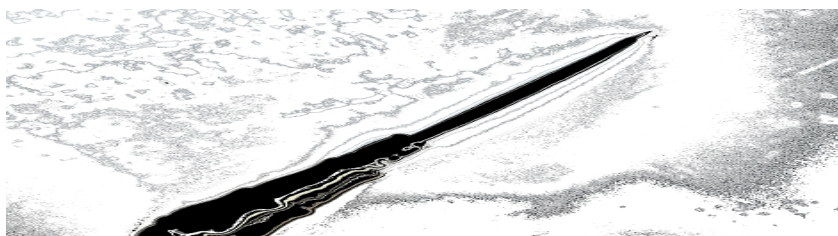
Em quanto a esta questão especial de desaprovação ou aprovação da sabotagem, houve uma votação, por escrutínio, que deu os seguintes resultados: a favor da sabotagem, 117; em contra, 106; votos em branco, 2.

Esta votação precisa encerra o período de gestação, de infiltração da teoria da sabotagem.

Desde então, indiscutivelmente admitido, reconhecido e aceito, nunca mais foi evocado em Congressos corporativos e ficou definitivamente alinhado entre o número de meios de luta defendidos e praticados na luta contra o capitalismo.

Vale ressaltar que o voto indicado acima, emitido no Congresso de 1900, já é uma indicação da divisão que se será produzida nos sindicatos, e que colocará em um extremo aos revolucionários e aos reformistas por outro. Com efeito, em todos os Congressos federais que seguirão, quando os revolucionários e reformistas se encontrem litigantes, quase sempre a maioria revolucionária será, mais ou menos, a que foi na votação da sabotagem, ou na proporção de dois terços contra uma minoria reformista de um terço.

A mercadoria trabalho



No precedente preâmbulo histórico vimos descobrir que a sabotagem, na expressão de inglesa de Go Canny, deriva da concepção capitalista de que o trabalho é uma mercadoria.

Esta tese é a dos economistas burgueses, conforme os quais há um mercado de trabalho, como há um mercado de trigo, de carne, de pescado ou de aves.

Admitido isto, é muito lóxico que os capitalistas procedam em frente à carne de trabalho que encontram no mercado, como quando se trata para eles de comprar mercadorias ou matérias-primas; isto é, com esforço para obtê-lo ao preço mais baixo.

Estamos em pleno jogo da lei da oferta e a demanda. Mas o que é menos compreensível é que estes capitalistas queiram receber, não uma quantidade de trabalho em relação com o tipo de salário que pagam, senão independentemente do nível deste salário, o máximo de trabalho que possa render o operário. Numa palavra, pretendem comprar, não uma quantidade de trabalho equivalente à soma que desembolsam, mas a força de trabalho intrínseca do operário: efectivamente, é o operário completo -seu corpo e seu sangue- seu vigor e sua inteligência o que exigem.

Quando emitem semelhante pretensão os patrões esquecem que essa

força de trabalho é parte integrante de um ser pensante, capaz de vontade, de resistência e de rebeldia.

Certo que todo iria melhor no mundo capitalista se os operários fossem tão inconscientes como as máquinas de que se servem e se, como elas, não tivessem à guisa de coração e cérebro mais do que uma caldeira ou um dinamo.

Mas não é isto o que ocorre. Os trabalhadores sabem as condições em que lhes coloca o médio actual, e se as toleram não é de grau. Sabem que são donos da força de trabalho, e se consentem que seu patrão consuma uma quantidade dada dela, esforçam-se porque esta quantidade esteja em relação mais ou menos directa com o salário que recebem. Até nos mais desprovidos de consciência, até nos que sofrem o jugo patronal sem pôr em dúvida sua justiça, brota instintivamente a noção de resistência às pretensões capitalistas: tendem a não dar mais do que recebem.

Os empregadores não foram negligentes em observar essa tendência dos trabalhadores para salvar a sua força de trabalho. É por isso que alguns deles, reparando habilmente nos danos daí decorrentes, recorrem à emulação para fazer esquecer a seu pessoal esta prudência restritiva.

Assim, especialmente em Paris, os contratantes de obras popularizaram uma prática que por outra parte caiu em desuso desde 1906, ou seja, desde que os trabalhadores da empresa se agruparam em sindicatos potentes.

Esta prática foi contratar um “macho”, que na obra incitara seus camaradas. Ele trabalha mais do que ninguém e têm que segui-lo, caso contrário, os atrasadizos perigam ser vistos e ser demitidos por incompetência.

Um processo tal indica bem claramente que esses contratantes razoavam sem ter em conta o trabalhador, o mesmo que quando eles visitavam um mercado para comprar uma máquina. Como compram essa máquina com a função produtiva que incorpora⁸, aos trabalhadores não os consideram mais do que um instrumento de produção, que eles esperam adquirir plenamente, por um determinado tempo, quando na verdade

8 No entanto, há casos em que o vendedor de uma máquina não dá plenamente ao seu comprador a função produtiva da máquina mencionada. Como exemplo, algumas máquinas do calçado são fornecidas com um contador que registra o número de sapatos produzidos, e são vendidas com a estipulação de que o comprador vai pagar indefinidamente alguma renda para cada par de sapatos produzido.

não contratam com ele mas que a única função do seu corpo que resulta em um trabalho efectivo.

Esta discordância, base das relações entre patrões e operários, põe de relevo a oposição fundamental dos interesses em presença: a luta da classe que detenta os meios de produção contra a classe que, desprovida de capital, não possui outra riqueza que seu trabalho.

Desde que põem-se em contacto no terreno econômico empresários e operários, surge esse antagonismo irreductível que os expulsa aos dois pólos opostos e que, portanto, faz sempre inestáveis e efêmeros seus acordos.

Efectivamente, entre uns e outros, não pode nunca se concluir um contrato no sentido preciso e justo do termo. Um contrato implica a igualdade dos contratantes, sua plena liberdade de acção e, ademais, uma das suas características consiste em apresentar para todos os firmantes um interesse pessoal, tanto no presente como no porvir.

Agora bem; quando um operário oferece seus braços a um patrão, os dois contratantes estão muito longe de se achar em igualdade. O operário, instado pela urgência de assegurar-se o sustento - se é que não está apertado pela fome -, não tem a serena liberdade de accção que goza seu patrão. Ademais, o benefício que obtém pelo seu trabalho é só momentâneo, pois se pode atender às necessidades da sua vida imediata não é raro que o risco da obra a que se dedica ponha em perigo sua saúde, seu porvir.

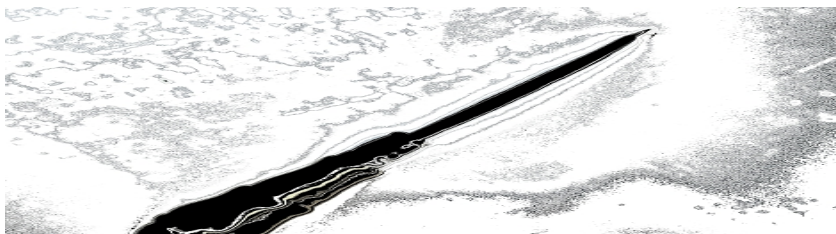
Entre patrões e operários não podem, pois, se concluir convênios que mereçam o qualificativo de contratos. O que se conceio em designar com o nome de contrato de trabalho não possui os caracteres específicos e bilaterais do contrato; é, em sentido rigoroso, um contrato unilateral, favorável, somente, a um dos contratantes; um contrato leonino.

Destas observações desprende-se que, no mercado de trabalho, não há, em frente a frente, senão beligerantes em permanente conflito; portanto, todas as relações, todos os acordos entre uns e outros, serão precários; pois viciados por sua origem, baseiam-se na maior ou menor força e resistência dos antagonismos. Por isso, entre patrões e operários, não se estabelece nunca -nem pode se estabelecer- uma aliança duradoura, um contrato no sentido real da palavra: entre eles só há armistícios que, suspendendo por um tempo as hostilidades, tentam uma trêgoa momentânea às acções de guerra. São dois mundos que batem com violência; o

mundo do capital e o do trabalho. Pode haber, e há, certo, infiltrações do um no outro; graças a uma espécie de capilaridade social, passam alguns trânsfugas do mundo do trabalho ao do capital, e, esquecendo ou renegando de seus origens colocam-se entre os mais intratáveis defensores da sua casta de adoção. Mas tais flutuações nos corpos dos exércitos em luta não debilitam o antagonismo das duas classes.

De um lado como de outro, os interesses em jogo são diametralmente opostos, e esta oposição manifesta-se em todo o que constitui a trama da vida. Baixo as aclamações democráticas baixo o verbo falaz da igualdade, o mais superficial exame descobre as divergências profundas que separam a burgueses e proletários: as condições sociais, o modo de viver, os hábitos de pensamento, as aspirações, o ideal... todo, todo difere!

Moral de classe



É compreensível que da diferenciação radical entre a classe operária e a burguesia, cuja persistência acabamos de comprovar, dimane uma moral diferente.

Efectivamente, seria pelo menos estranho que entre um proletário e um capitalista não houvesse nada de comum excepto a moral.

Como! Os factos e atitudes de um explorado, deveriam ser apreciados com o critério de seu inimigo de classe?

Isto seria totalmente absurdo!

A verdade é que, assim como há duas classes na sociedade, há também duas morais: a dos capitalistas e a dos proletários.

A moral natural ou zoológica, escreve Marx Nordan⁹, declararia que o repouso é o mérito supremo e não daria ao homem o trabalho como coisa desejável e gloriosa, senão em quanto esse trabalho fosse indispensável à sua existência material. Mas os exploradores então ver-se-iam em um aperto. Efectivamente, seu interesse reclama que a massa trabalhe mais do necessário para ela e produza mais do que seu próprio uso exige. E é que querem se apoderar precisamente do sobranço da produção; a este efeito, suprimiram a moral natural e inventaram outra, que fizeram estabelecer aos seus

9 Escritor austriaco nascido em 1849.

filósofos, alabar aos seus predicadores, cantar aos seus poetas, e, segundo a que a ociosidade seria a mãe de todos os vícios e o trabalho uma virtude, a mais fermosa de todas as virtudes...

É inútil observar que semelhante moral está feita para uso exclusivo dos proletários, pois os ricos que a engrandecem não se cuidam de se submeter a ela. A ociosidade só é um vício nos pobres.

Em nome das prescrições desta moral especial, os operários devem trabalhar sem descanso em proveito de seus patrões, e toda tibieza de sua parte no esforço de produção, todo o que tenda a reduzir o benefício do explorador, é considerado como uma acção imoral. E partindo também da mesma moral de classe, são glorificados o sacrifício aos interesses patronais, a asiduidade em fazê-las obras mais duras e pior remuneradas, os escrúpulos estúpidos que criam o honrado operário; numa palavra, todas as correntes ideológicas e sentimentais que fincam ao assalariado na argola do capital.

Para completar a obra de escravização apela-se à vaidade humana; todas as qualidades do bom escravo são exaltadas, engrandecidas, e até se imaginou distribuir recompensas -a medalha do Trabalho!- aos operários borregos que se distinguiram pela flexibilidade do seu espinhaco, o seu espírito de resignação e a sua fidelidade ao patrão.

Desta moral criminoso, a classe operária está saturada.

Desde que nasce até que morre, o proletário é enganado com ela; dão-lhe esta moral com o leite mais ou menos falsificado da mamadeira que, para ele, substitue com demasiada frequência ao seio materno; mais tarde, na escola laica, inculcam-se-lhe também por doses prudenciais, e a infiltração continua, por mil e mil procedimentos, até que, jacente na fossa comum, dorme o seu eterno sono.

A intoxicação resultante é tão profunda e persistente, que até homens de espírito sutil, de inteligência clara e aguda, aparecem, no entanto, contaminados. Tal é o caso do cidadão Jaurés¹⁰ que, para condenar a sabotagem, jogou mão desta ética, criada para uso dos capitalistas. Numa discussão sobre o sindicalismo, aberta no Parlamento o 11 de Maio de 1907, declarava:

Ou, se se trata da propaganda sistemática, metódica da sabotagem, eu creio, a ris-

10 Líder socialista francês, com dons excepcionais como escritor e palestrante. Fundou "L'Humanité" em 1904. Foi assassinado por um fanático nacionalista francês.

co de ser tachado de optimista, que não irá muito longe. Repugna à natureza, aos sentimentos do operário...

E insistia:

A sabotagem repugna ao valor técnico do operário.

O valor técnico do operário é sua verdadeira riqueza; por isso o teórico, o metafísico do Sindicalismo, Sorel¹¹, declara que, ainda que se lhe permitam ao sindicalismo todos os procedimentos possíveis, há um que deve proibir-se ele próprio: o que ameaça acordar, humilhar no operário este valor profissional, que não é só a sua riqueza precária de hoje, senão também o título para a sua soberania no mundo do amanhã.

As afirmações de Jaures, ainda colocadas baixo o pensamento de Sorel, são todo o que se queira -até metafísica- menos a comprovação duma realidade econômica.

Onde diabo encontrou a operários cuja natureza e sentimentos lhes levem a realizar a plenitude de seu esforço físico e intelectual em benefício de um patrão, apesar das condições irrisórias, ínfimas ou odiosas que lhe impõe?

Por que, por outra parte, tem de pôr-se em perigo o valor técnico de tais problemáticos operários, se o dia em que dêem-se conta da exploração desvergonhada de que são vítimas, tentam subtrair-se a ela e, sobretudo, não consentem em submeter seus músculos e cérebros a uma fadiga indefinida, em proveito sozinho do patrão?

Por que devem desperdiçar estes operários esse valor técnico que constitui a sua verdadeira riqueza -ao dizer de Jaures- ou por que têm de presentear quase gratuitamente ao capitalista?

Não é mais lógico que em vez de se sacrificar como cordeiros no altar da classe patronal, se defendam, lutem e, estimando como seu mais apreciado dom esse valor técnico, não cedam todo ou parte de sua verdadeira riqueza senão nas melhores condições ou, pelo menos, nas menos más?

O orador socialista não responde a estas interrogações porque não aprofundou a questão. Limitou-se a afirmações de ordem sentimental, inspiradas na moral dos exploradores e que são o rebite das argúcias dos economistas que repreendem aos operários franceses suas exigências e suas greves, acusando-os de pôr em perigo a indústria nacional.

O razoamento do cidadão Jaurés é, efectivamente, da mesma ordem,

11 Escritor e historiador francês, considerado um dos teóricos da violência.

com a diferença de que em vez de fazer vibrar a corda patriótica, é o ponto de honra, a vaidade, a glória do proletariado, o que tratou de exaltar, de sobreexcitar.

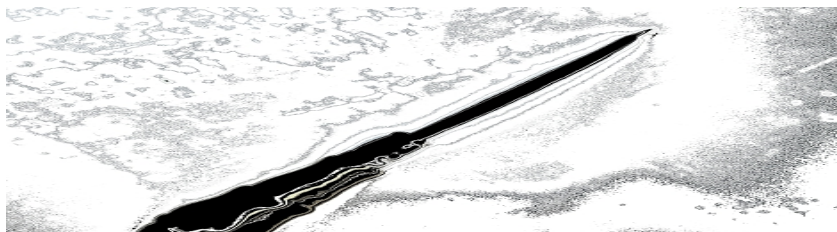
A sua tese vai parar à negociação formal da luta de classes, pois não tem em conta o estado de guerra permanente entre o capital e o trabalho.

Agora bem; o simples bom sentido sugere que, sendo o patrão o inimigo do operário, não há mais deslealdade por parte deste em armar emboscadas contra seu adversário que em combatê-lo cara a cara.

Portanto, nenhum dos argumentos sacados da moral burguesa val para apreciar a sabotagem, nem nenhuma outra tática proletária; e assim mesmo nenhum destes argumentos val para julgar os factos, gestos, atitudes, ideias ou aspirações da classe operária.

Se se deseja raciocinar sãmente sobre todos estes pontos, é menester não se referir à moral capitalista, senão se inspirar na moral dos produtores que se elabora cotidianamente no seio das massas operárias, e que está chamada a regenerar as relações sociais, pois tem de ser o que regule as do mundo de amanhã.

Os procedimentos da sabotagem



No campo de batalha do mercado de trabalho onde os beligerantes se atacam sem escrúpulos, falta muito, como comprovamos, para que se apresentem com armas iguais.

O capitalista opõe uma coraza de ouro aos golpes de seu adversário que, conhecendo sua inferioridade defensiva e ofensiva, trata de suplí-las recorrendo às astúcias da guerra. O operário, impotente para atacar de frente a seu inimigo, trata de pegá-lo de flanco, atacando na sua fraqueza: a caixa-forte.

Os proletários podem comparar-se a um povo que, querendo resistir à invasão estrangeira e não se sentindo com forças para enfrentar numa grande batalha ao inimigo, lança-se à guerra de emboscadas, de guerrilhas. Luta desesperante para os grandes exércitos, luta de tal sorte horripilante e criminoso que, geralmente, os invasores negam-se a reconhecer aos guerrilheiros o carácter de beligerantes.

Esta execração das guerrilhas pelos exércitos regulares não nos surpreende mais do que o horror inspirado pela sabotagem aos capitalistas.

E é que, efectivamente, a sabotagem é na guerra social o que são as guerrilhas nas guerras nacionais: dimana dos mesmos sentimentos, responde às mesmas necessidades e tem na mentalidade operária idênticas

consequências.

Sabido é a medida em que desenvolvem as guerrilhas o valor individual, a audácia e o espírito de decisão; outro tanto pode dizer-se da sabotagem; mantém em tensão aos trabalhadores, impede-lhes afundar-se numa fraqueza perniciosa, e como precisa uma acção permanente e sem trégua, consegue o feliz resultado de fomentar o espírito de iniciativa, de habituar à acção por um próprio, de sobreexcitar a combatividade.

O operário precisa possuir estas qualidades, pois o patrão faz respeito de si com tão poucos escrúpulos como têm os exércitos invasores que operam em países conquistados: rapinam quanto podem!

Esta capacidade dos capitalista para rapinar foi censurada pelo multimilionário Rockefeller... disposto, com segurança, a praticá-la sem vergonha.

O erro de alguns patrões -escreve- consiste em não pagar o que devessem, com o qual conseguem que no trabalhador se acorde uma tendência a reduzir o trabalho.

Esta tendência à redução do trabalho que comprova Rockefeller - redução que legítima e justifica pela censura que dirige aos patrões - é a sabotagem na forma que se apresenta espontaneamente nas mentes de todos os operários: diminuição do trabalho.

Poderia dizer-se deste procedimento que é a forma instintiva e primária da sabotagem.

Foi em 1908, em Benford (Indiana, EEUU). Uma centena de trabalhadores que tinham sido avisados de que seria imposto um corte no pagamento por valor de uma dúzia de cêntimos por hora, decidiu realizar a sabotagem. Sem um pio foram para uma fábrica próxima, e cortaram suas pás em duas polegadas e meia. Depois que retornaram ao trabalho, responderam aos patrões: “A paga pequena, pá pequena”.

Naturalmente, esta forma de sabotagem so é practicável para os operários a salário. Efectivamente, é indubitável que os que trabalham por peça, se diminuíssem seu ritmo de produção, seriam as primeiras vítimas de sua rebelião passiva, já que sabotariam seu próprio salário. Os trabalhadores por peça devem, pois, recorrer a outros meios, consistindo sua preocupação em diminuir a qualidade, não a quantidade de seu produto.

Sobre esses meios, o *Boletim da Bolsa de trabalho de Monbtpellier* fai uma revisão em um artigo publicado nos primeiros meses de 1900, algumas semanas antes do Congresso Confederal realizado em Paris.

Se você é mecânico, é fácil com dois centavos de um pó qualquer, ou mesmo apenas com areia, obstruir a sua máquina, causando uma perda de tempo doente e reparos caros para o seu explorador. Se você for um carpinteiro ou marceneiro, é fácil deteriorar o mobiliário, sem que o empregador se perceba e, portanto, fazer-lhe perder clientes. Um alfaiate pode comodamente estragar um vestido ou um pedaço de pano; um vendedor de novidades, com umas manchas com destreza distribuídas no tecido, ele vende-o a baixo preço; o moço de uma loja com um pacote de ruim, vai quebrar os bens; quem sabe de quem foi a culpa e o patrão perde o cliente. O vendedor de lã, retrostaria, etc, com algumas gotas de corrosivos sobre a mercadoria aborrece ao cliente, que retorna o pacote com raiva; replica-se que aconteceu no caminho. Perda muitas vezes total de clientes. Aquele que trabalha a terra dá, de vez em quando, um golpe de enxada desajeitado - ou seja, preciso - ou planta sementes ruins no meio do campo, etc.

Os procedimentos da sabotagem são variáveis até o infinito. No entanto, quaisquer que sejam, há uma qualidade que os trabalhadores exigem deles: que ao se pôr em prática não tenham um impacto adverso sobre o consumidor.

A sabotagem ataca ao patrão, bem pela diminuição do trabalho, ora fazendo invendíveis os produtos fabricados, já imobilizando ou inutilizando os instrumentos de produção, mas o consumidor não deve ser vítima desta guerra contra o explorador.

Um exemplo da eficácia da sabotagem é a aplicação metódica que de ele têm feito os cabeleireiros parisienses:

Acostumados a esfregar as cabeças, tentaram estender o sistema do xampu para as vitrinas dos empregadores. Tanto é assim que para os empregadores o medo dos “cabelos com sabão” virou a mais convincente das sanções.

Foi graças ao ensaboado – praticado principalmente desde Maio de 1902 até 1906 - que os trabalhadores conseguiram fechar os salões de cabeleireiro a horas menos atrasadas, e foi também o medo do ensaboado que lhes permitiu obter muito rapidamente (antes da votação da lei sobre o descanso semanal) o fechamento generalizado de estabelecimentos um dia por semana.

Eis em que consiste o ensaboado: em um recipiente, como um ovo, previamente esvaziado, o ensaboador pom soda cáustica; mais tarde, no momento oportuno, será lançado continente e conteúdo contra a janela do empregador. Este xampu arruina a pintura da loja e o empregador,

aproveitando a lição aprendida, torna-se mais flexível.

Existem cerca de 2300 estabelecimentos de cabelairia em Paris, salões que, durante a campanha do ensaboador, 2000 foram ensaboados pelo menos uma vez... ou mais. O *Obreiro Cabeleirero*, órgão sindical da Federação dos Cabeleireros, estimou em cerca de 20000 francos os prejuízos financeiros ocasionados aos empregadores pelo método do ensaboador.

Os trabalhadores cabeleireros estão felizes com seu método e não estão dispostos a deixar de aplicá-lo. Teve seu efeito, dizem eles, e atribuem-lhe um valor de moralizar superior a nenhuma sanção legal.

O ensaboador, como todos os bons processos de sabotagem, é dirigido contra a caixa dos empregadores, e a cabeça dos clientes não têm nada a temer.

Os trabalhadores insistem muito nesta especificidade da sabotagem, que consiste em ferir ao patrão e não ao consumidor. Mas têm que desfazer o preconceito da imprensa capitalista, que desnaturaliza essa tese a seu desejo, apresentando a sabotagem como perigosa para os consumidores principalmente.

Não se tem esquecido a impressão que produziu a notícia lançada pelos grandes diários, há uns anos, sobre o pão com vidro moído. Os sindicalistas tentavam dizer que pôr vidro moído no pan seria um acto odioso, e estúpidamente criminoso, e que aos operários padeiros não teriam pensado essa idéia. Mas, apesar das negações, a mentira extendia-se, reeditava-se e, naturalmente, virava contra os operários padeiros a infinidade de gentes para quem seu jornal era palavra do Evangelho.

Em realidade, até hoje, no curso das diversas greves de padeiros, a sabotagem posto em prática consistiu em destruir as padarias, os amassadouros ou os fornos. Em quanto ao pan, fabricou-se incomestível - queimado ou pouco cozido, sem sal ou sem fermento, etc., mas nunca com vidro moído - não foram e não podiam ser os consumidores os prejudicados, senão somente os patrões.

Efectivamente, seria preciso supor que os consumidores eram umas bestas para aceitar, em vez de pão, uma mistura indigesta ou nauseante. Se o caso tivesse-se apresentado, teriam devolto seguramente esse pão de má qualidade a sua padaria e exigido em seu lugar um produto comestível. O pão com vidro moído é, pois, somente uma infâmia capitalista destinada a desacreditar as reivindicações dos operários padeiros.

O mesmo pode ser dito da fraude que em 1907 lançou um diário - um especialista em agitações contra o movimento sindical - que disse que um preparador farmacêutico, fanático da sabotagem, substituía estricnina e outros venenos violentos pelas drogas inocentes prescritas para a preparação de comprimidos.

Contra essa história, que não passava de uma mentira e absurdo, a união de preparadores farmacêuticos protestou com razão.

De fato, se um preparador farmacêutico tinha intenções de sabotar nunca imaginaria envenenar aos pacientes, o que, tendo trazido para a sepultura aos enfermos, levaria a si mesmo ante o Tribunal, e não causaria qualquer prejuízo grave para o patrão.

Na verdade, o farmacêutico sabotador agiria de outra forma. Limitaria-se a esbanjar os produtos farmacêuticos, distribuí-los generosamente, ainda poderia usar para as receitas os produtos puros, mas muito caros, em vez dos produtos adulterados que são comumente usados.

Neste último caso, seria livre de cumplicidade de participação na sabotagem do patrão, esta propriamente criminosa!, e que consiste em despachar produtos de baixa qualidade, de quase nenhuma ação, em vez de produtos puros prescritos por um médico.

É inútil insistir mais para provar que a sabotagem farmacêutica pode ser útil para o paciente, mas que nunca, mas nunca, jamais, pode ser prejudicial.

Por outro lado, é através de resultados semelhantes, pró-consumidor, que em muitas corporações, inclusive as de alimentação, se manifesta a sabotagem operária.

E se algum reparo pode ser feito é que essa sabotagem não penetrara mais entre os costumes dos trabalhadores. É realmente triste ver que muitas vezes existem trabalhadores que estão associados com a adulteração mais abominável e prejudicial para a saúde pública, e isso sem levar em conta a parte da sua responsabilidade nas acções que o Código pode desculpar, mas não menos criminosas.

Um apelo dirigido à população parisiense em 1908 pelo sindicato dos cozinheiros, explica-o melhor que todo comentário:

O primeiro de Junho passado um mestre cozinheiro que chegara aquela mesma manhã a um restaurante popular, observava que a carne que lhe confiaram se tiña estragado de tal forma, que serví-la tivesse sido um perigo para os consumidores. En-

tão deu parte ao patrão, que lhe exigiu que, apesar de tudo, fosse servida, mas o operário indignado pelo que se lhe pedia, se negou a tornar-se cúmplice no envenenamento dos clientes.

O patrão, furioso contra esta indiscreta lealdade, se vingou dele denunciando-o e dando seu nome ao sindicato patronal de restaurantes populares Le Parisien, para impedir que voltasse a se colocar.

Até aqui este incidente revela somente um acto individual e innóvel de um patrão e um acto de consciência de um operário, mas a continuação do assunto põe de manifesto, como se vai ver, uma solidariedade patronal, tão escandalosa, que nos cremos obrigados à denunciar.

Quando o operário se apresenta no escritório de colocação do sindicato patronal, o encarregado deste escritório disse-lhe que não lhe importava se os artigos estavam ou não estragados; que desde o momento em que se lhe pagava não tem mais que obedecer; que seu acto era inadmissível e que, daqui por diante, não poderia contar com seu ofício para encontrar trabalho. Morrer-se de fome ou fazer-se, em caso necessário, cúmplice dos envenenamentos.

Por outra parte, esta linguagem estabelece bem claramente que, longe de reprovar a venda de artigos avariados, este sindicato encobre e defende tais actos e persegue com seu ódio aos que impedem que se envenene tranquilamente.

Seguramente, não é um exemplar único em Paris este patrão que serve carne podre a seus clientes. No entanto, poucos são os cozinheiros que têm o valor de seguir o exemplo dado.

E resulta que, se têm demasiada consciência, os trabalhadores correm o risco de perder o emprego, e até de ser boicotados! Considerações que fazem que se mexam muitas cabeças, que vacilem muitas vontades e que se ponham um travão muitas rebeldias. Por isso nos são tão poucas vezes revelados os mistérios dos restaurantes populares e aristocráticos.

No entanto, é útil para o consumidor saber que os enormes quartos de boi que se vêem hoje nas cristaleiras do restaurante que frequenta, são carnes apetecíveis que amanhã serão arrastradas e desmiuçadas em Les Halles¹²... enquanto no restaurante em questão servem viandas suspeitas.

Ao cliente interessa-lhe saber que a sopa de carangueijos que saborea, está feita com as cáscaras das lagostas deixadas ontem – por ele ou por

12 O mercado de alimentos maior e mais popular que existia no centro de Paris

outro - no prato, cáscaras cuidadosamente raspadas para desprender a pulpa aderida a elas e que, esmagadas no morteiro, são dissolvidas por um suco que se pinta de rosa com carmim.

Também sabemos que os filetes de garoupa são feitos com bacalhau fresco; que os bifés de veado são carne de boi temperado por um escabeche horrível; que para eliminar o sabor de aves em decomposição e rejuvenescê-lo são passadas de um ferro quente em seu interior.

E assim, todo o material do restaurante: colheres, garfos, pratos, etc., é enjugado com os guarda-napos abandonados pelos clientes após as refeições, com o que se faz possível um contágio de tuberculose... ou sífilis.

A listagem seria cumprida - e até ao final nauseante -, se tivesse que enumerar todos os truques e armadilhas dos comerciantes sem vergonha que, escondidos num recanto da loja, não se contentam mais com o roubo através de suas práticas, mas muitas vezes envenenam aos clientes além do permitido .

Também não é suficiente conhecer os procedimentos, deve-se saber quais as causas “honoráveis” dessas criminosas formas de agir. Por isso devemos desejar, no interesse da saúde pública, que os operários do ramo da alimentação sabotem a seus patrões e ponham-nos em guarda contra esses mal-feitores.

Para os cozinheiros, existe outro procedimento de sabotagem: consistente em preparar os pratos de maneira excelente, com todos os condimentos necessários e pondo em sua confeição todos os cuidados que a arte culinária requer; ou, em restaurantes populares, a preços fixos, ter mão larga para o benefício dos clientes, aumentando a razão.

De tudo isto resulta que, para os operários cozinheiros, a sabotagem se identifica com o interesse dos consumidores, tanto se propõem-se ser uns operários escrupulosos, como se nos iniciam nos arcanos pouco apetitosos de suas cozinhas.

Alguns talvez objetem que, neste último caso, os cozinheiros não praticam a sabotagem, senão que dão um exemplo de integridade e lealdade profissional louvável.

Muito cuidado! Os que tal afirmam se deslizam por uma pendente muito disimulada e correm o risco de rodar até o abismo, isto é até condenação formal da sociedade moderna.

Efectivamente, a falsificação, o engano, a mentira, o embuste, o rou-

bo, o fraude, constituem a trama da sociedade capitalista; suprimi-las, equivale a matá-la... Não há que se fazer ilusões: o dia que se tentasse introduzir nas relações sociais, em todos os graus e em todos os planos, uma estrita lealdade, uma escrupulosa boa fé, nada ficaria de pé, nem a indústria, nem o comércio, nem a banca... nada, nada!

Agora bem; é indubitável que, para completar todas as baixas operações a que se entrega o patrão não pode fazer sozinho, precisa auxiliares, precisa cúmplices... e encontra-os em seus operários, em seus empregados. Por isso ao associar aos operários a suas manobras - nunca a seus benefícios - lhes exige uma submissão completa a seus interesses e lhes proíbe apreciar e julgar as operações de sua casa; se são de carácter fraudulento, inclusive criminoso, aos operários não deve lhes importar.

Eles não são responsáveis... Desde o momento em que se lhes paga, não têm mais que obedecer, assim observava muito burguesamente o encarregado de *Le Parisien*, mencionado acima.

Em virtude de tais sofismas, o trabalhador deve prescindir de sua personalidade, reprimir seus sentimentos e fazer como inconsciente; toda desobediência às ordens dadas, toda violação dos segredos profissionais, toda divulgação das práticas antiéticas que se lhe exigem, constitui por sua vez um acto de traição ao patrão.

Portanto, se se nega à cega e passiva submissão, se se atreve a denunciar as viezas que se lhe associam, é considerado como um rebelde contra seu patrão, pois lhe faz a guerra, lhe sabotea.

Semelhante modo de ver não é particular aos patronos; os sindicatos operários interpretam também como acto de guerra - como acto de sabotagem - toda divulgação prejudicial aos interesses capitalistas, e os sindicalistas baptizaram este engenhoso procedimento de atacar a exploração com o nome de “sabotagem da boca aberta”. Expressão significativa até não mais, posto que muitas fortunas somente se têm amasado graças ao silêncio que guardaram sobre o banditismo patronal os explorados que colaboraram neles, porque sem o mutismo deles tivesse sido difícil, se não impossível, que os exploradores tivessem feito tais negócios.

Bem! Estes mudos do serralho comercial e industrial estão cansados de ficar de boca fechada. Eles querem falar! E o que dizem vai ser tão severo que suas revelações causarão um vácuo em torno de seu chefe, porque seus clientes vão virar-lhe as costas.

Essa tática de sabotagem, com suas formas brandas e brancas da violência, pode se manifestar tão temível para muitos capitalistas como a mutilação brutal de uma bela máquina, está em processo de popularização considerável.

É a ela que recorrem os trabalhadores da construção desvelando ao arquitecto ou ao proprietário que manda construir os defeitos do edificio que acabam de terminar ordenados pelo contratista para proveito próprio: muros faltos de espessura, emprego de materiais defeituosos, capas de pintura escamoteadas, etc.

“Boca aberta” é também quando os moços de colmado, para devolver à compostura às casas refratárias a suas reivindicações avisam, mediante cartazes, às donas de casa das vilezas e artimanhas do officio.

“Boca aberta” é ainda, os armários dos preparadores farmacêuticos - em luta pelo fechamento às nove da noite - denunciando a sabotagem culpada contra os doentes por parte dos patrões sem escrúpulos.

E é assim mesmo à prática do "boca aberta" que se decidiram a empregar os trabalhadores dos bancos e da Bolsa. Numa assembleia geral mantida o passado Julho, o sindicato destes empregados adoptou uma ordem do dia ameaçando aos patrões, se faziam-se os surdos às reivindicações apresentadas, com romper o silêncio profissional e revelar ao público todo o que ocorre nas grutas de ladrões que são as casas de finanças.

E, chegados a este ponto, propõe-se uma pergunta:

Que vão dizer do "boca aberta" os minuciosos moralistas que condemnam a sabotagem em nome da moral?

A qual dos dois, patrões ou empregados, vão ir a parar seus anátemas?

Aos patrões, fraudadores, espoliadores, envenenadores, etc... que esperam associar a seus empregados a sua indignidade, fazendo-os cúmplices de seus delitos, de seus crimes?

Ou mais bem aos empregados que, se negando às desonestidades e às perversidades que deles exige o explorador, liberam sua consciência pondo em guarda ao público ou ao consumidor?

Acabamos de examinar os procedimentos da sabotagem postos em prática pela classe operária sem suspensão do trabalho, sem abandono da officina. Mas a sabotagem não se limita a esta acção restringida; pode

converter-se - e converte-se a cada vez mais - em uma ajuda poderosa em caso de greve.

O milionário Carnegie, rei do ferro, escrevia:

Esperar de um homem que defende seu salário por necessidades vitais que assista tranquilamente a sua substituição por outro homem é muito esperar.

É o que não cessam de dizer, de repetir, de clamar os sindicalistas. Mas já se sabe, não há piores surdos que os que não querem ouvir.

A esta cita do milionário Carnegie, o cidadão Bousquet, secretário do Sindicato dos padeiros parisiños, a parafraseou num artigo da *La voix du Peuple*¹³:

Podemos ver, ele escreveu, que o simples facto da detenção do trabalho não é suficiente para o sucesso de uma greve. Seria necessário e mesmo indispensável para o bom resultado do conflito, que a ferramenta - isto é, os meios de produção da fábrica, da tecelagem, da mina, da padaria, etc, foram à greve, ou seja, ao "não-funcionamento".

Os renegados vão para o trabalho e encontram as máquinas, ferramentas, fogões, em bom estado, e por causa da maior das faltas dos grevistas que, tendo deixado em boas condições estes meios de produção, deixaram atrás de si a causa de sua falha reivindicativa...

Assim, entrar em greve e deixar a maquinaria e ferramentas em estado normal é um desperdício de tempo à frente de uma ação eficaz. Na verdade, o patrão, tendo aos renegados, ao exército e à polícia, vai fazer funcionar as máquinas e os efeitos da greve não serão cumpridos. A primeira tarefa antes da greve é, portanto, reduzir à impotência os instrumentos de trabalho. É o ABC da luta dos trabalhadores. Em seguida, o jogo torna-se igual entre o patrão e o trabalhador pois, então, a cessação do trabalho, que é real, produz o efeito desejado, ou seja, a parada da vida dentro da clã burguesa.

Gostaria de greve nos alimentos? Alguns litros de petróleo ou gordura fedorenta propagada no chão do forno... e os renegados e os soldados podem correr para fazer pão. Este pão não é comestível, pois as telhas, pelo menos durante três meses, mantêm o cheiro da matéria e inculcará-se ao pão.

Total: forno inutilizável e para demolir.

Gostaria de uma greve no metal? Areia ou esmeril nas angranações dessas máquinas que, monstros fabulosos, fazem a exploração do proletariado; essa areia vai fazer ranger estas máquinas, ainda mais forte que ao patrão e ao capataz, e o colosso de ferro, a colocadora de trabalho, será reduzida à impotência, e também os renegados.

13 Número do 21 de Maio de 1905.

É o mesmo argumento do panfleto “O sindicalismo nas ferrovias” do cidadão A. Renault, empregado em Ouest-Etat, tese que lhe custou, em setembro passado, para ser destituído pelo Conselho de Investigação que, nesta ocasião, tomou a forma de conselho de guerra.

Para ter certeza do sucesso, Renault explica, no caso de que a maioria de empregados das ferrovias não vão parar os trabalhos desde o início, é essencial que uma tarefa, da que é inútil dar aqui uma definição, fora levada a termo no mesmo momento, em todos os grandes centros, no momento da declaração da greve. Para isso, é necessário formar equipes de companheiros determinados, dispostos a arriscar tudo em todos os grupos e os pontos-chave para impedir a circulação de comboios. Camaradas teriam de ser escolhidos entre os profissionais, entre aqueles que melhor conhecem os rolamentos do serviço, eles saberiam encontrar os pontos sensíveis, os pontos fracos, batendo com precisão, sem causar destruições idiotas, e pela sua eficácia, habilidosa, inteligente, bem como forte teriam, de uma vez, inutilizado por alguns dias o material necessário para a operação e manutenção de comboios.

Precisa-se levar isso muito a sério. Devemos levar em conta os “otários”, os soldados...

Esta tática, que consiste em unir à greve de braços a greve das máquinas, pode parecer que se inspira em motivos baixos e mesquinhos. Mas não é assim. Os trabalhadores conscientes sabem que são uma minoria e têm medo que seus camaradas não tenham a tenacidade e energia para resistir até o fim, e então, para impedir a deserção da massa, fazem-lhe o retiro impossível: afundam as pontes após dela.

Obtêm semelhante resultado, tirando a ferramenta das mãos aos operários demasiado sumisos aos poderes capitalistas e paralisando as máquinas que fecundavam seu esforço. Por este procedimento evitam a traição dos inconscientes e impedem-lhes pactuar com o inimigo para retomar o trabalho quando não devem.

Há outra razão para esta tática: como tem sido apontado pelos cidadãos Bousquet e Renault, os grevistas não têm que temer apenas dos renegados, senão que devem também desconfiar do exército.

Efectivamente, os capitalistas acostumam a cada dia mais a substituir aos grevistas por militares. Assim, logo que se declara uma greve de paideiros, de eletricitas, de ferroviários, etc., o Governo trata de sufocá-la, substituindo aos operários por soldados. Até o ponto de que, para suplantar aos eletricitas, por exemplo, o Governo criou um corpo especial

de engenheiros, que são ensinados na operação das máquinas geradoras de electricidade, assim como no manejo dos aparelhos, e que estão sempre preparados para ocupar o posto dos operários eletricitistas, ao primeiro sintoma de greve.

É, pois, de luminosa evidência que se os grevistas, que conhecem as intenções governamentais, se esquecem, dantes de suspender o trabalho, de impedir esta intervenção militar, tornando-a impossível e ineficaz, são vencidos com antecedência.

Previendo o perigo, os operários que vão empreender a luta não teriam nenhuma desculpa se não pusessem remédio. Mas não se esquecem!

Mas então ocorre que se lhes acusa de vandalismo, é censurado e difamado seu desrespeito pela máquina.

Haveria base para as críticas se nos trabalhadores existisse uma vontade sistemática de destruição sem nenhuma preocupação pela finalidade. Mas não é este o caso. Se os operários atacam às máquinas, não é por prazer ou diletantismo, senão porque uma imperiosa necessidade lhes obriga a isso.

Não há que esquecer que aos trabalhadores se lhes propõe uma questão de vida ou morte: se não imobilizam as máquinas, vão a uma derrota segura, ao falhanço de suas esperanças; se as sabotam, têm grandes probabilidades de êxito, ainda que contra eles se granjeiar a opinião burguesa e vejam-se crivados de epítetos desagradáveis .

Dados os interesses em jogo, compreende-se que enfrentem sorridentes estes anatemas, e que o temor de ser caluniados pelos capitalistas e seus lacaios não lhes faça renunciar às possibilidades de vitória que lhes reserva uma audaz e engenhosa iniciativa.

Os trabalhadores, nestas condições, encontram-se numa situação idêntica à de um exército que obrigado a se retirar, se decide, com pesar, a destruir o armamento e provisões que dificultam o seu progresso e podem cair em mãos inimigas. Neste caso, tal destruição seria legítima, mas em quaisquer outras circunstâncias seria uma loucura.

Portanto, não há mais razões para censurar aos operários que recorrem à sabotagem com objecto de assegurar seu triunfo, que há para censurar ao exército que, com o fim de se salvar, sacrifica sua *impedimenta*.¹⁴

14 Em castelão no original.

Podemos, pois, concluir que com a sabotagem ocorre o que com todas as teorias e todas as armas: a justificativa para sua utilização dimana das necessidades e do fim perseguido.

É esta preocupação pelas inevitáveis necessidades e por alcançar os objetivos a que estavam seguindo, há alguns anos, os funcionários do bonde de Lyon, que, para tornar impossível a circulação de carros con renegados a exercer de wattmen¹⁵, colocavam cimento entre as agulhas dos trilhos.

O mesmo é verdade para o pessoal ferroviário de Médoc, que entraram em greve em julho 1908: antes de suspender o trabalho tinha tomado o cuidado de cortar a linha telegráfica que ligava as estações e quando a empresa quis organizar um serviço de emergência foi encontrado que as condutas de abastecimento de água das locomotivas foram desaparafusadas e escondidas.

Um procedimento original é o seguinte, que foi aplicado em uma grande casa de peles, em Filadélfia, um destes últimos anos: antes de deixar o trabalho, os trabalhadores cortadores foram convidados pelo Sindicato para alterar o comprimento de seus padrões regulares em um centímetro mais ou menos. Cada trabalhador aceitou o conselho, encurtando ou aumentando seus padrões à vontade. Após o que, tendo deixado o trabalho, foram empregados furadores de greves, sem surpresa para os grevistas. Esses otários foram colocados para trabalhar, e era uma bela confusão! Os cortadores cortavam, mas nada foi coerente! Tanto assim que, tendo perdido muitos dólares, o empregador viu-se na necessidade de repor os grevistas. Cada um voltou ao seu posto e reconstruiu seus padrões de mais ou menos.

Não se esquece a perturbação enorme que causou, durante a primavera de 1909, a greve do Post Office. A greve causou grande surpresa aos cegos voluntários, a quem escapam os sintomas sociais mais pronunciados; aqueles teriam manifestado menos surpresa se tivessem conhecido que o *Cri Postal*, órgão corporativo dos subagentes dos PTT, a partir do mês de abril de 1907, declarava:

Você fala-nos a porretadas, nós responderemos a golpes de malho. O que nunca podereis impedir é que um dia as cartas e telegramas para Lille vão dar uma volta a Perpignan. O que nunca podereis impedir e que as comunicações telefônicas se vejam subitamente embrulhadas e os aparelhos telegráficos subitamente avariados. O que

15 Inglês no original. Eletricistas empregados em empresas de bondes.

nunca podereis impedir é que dez mil trabalhadores continuem em seus postos, mas os braços cruzados. O que nunca podereis impedir é que dez mil empregados vos remetam o mesmo dia e à mesma hora sua petição de excedencia e cessem o trabalho igualmente de improviso. E o que nunca podereis fazer é os substituir pelos soldados.

Outros muitos exemplos poderiam citar-se. Mas, não querendo escrever um tratado de sabotagem, não se trata de expor aqui os meios, tão complexos como variados, aos que recorrem e podem recorrer os trabalhadores. Bastam longamente os que assinalámos para que sejam vivamente captados os caracteres do sabotagem.

Além destes procedimentos, há outro que poderia calificar-se de sabotagem por represálias, e que se estendeu algo a partir do falhanço da segunda greve de Correios.

Após esta greve, uns grupos revolucionários decidiram sabotear as linhas telegráficas e telefónicas para protestar contra o despedimento em massa de centos de grevistas. E anunciaram sua tentativa de fazer tal guerra enquanto os empregados de Correios despedidos com motivo da greve não fossem reintegrados.

Uma circular confidencial enviada aos postos que estes grupos se tinham tentado, precisava em que condições tinha de se efectuar esta campanha de sabotagem dos fios.

Os camaradas que te enviam este papel -dizia a circular- te conhecem, ainda que tu não os conheças; desculpa-os se não assinam. Conhecem-te como revolucionário sério. Pedem-te que cortes os fios telegráficos e telefónicos que estejam a teu alcance na noite do primeiro de Junho. As noites seguintes, sem necessidade a mais ordens, seguirás fazendo a mesma operação. Quando o Governo tenha já bastante, reintegrará aos 650 empregados despedidos.

Numa segunda parte, esta circular continha um formulário detalhado e técnico que expunha os diferentes modos de cortar os fios sem risco de ser electrocutado. Também recomendava com muita insistência que não se tocassem os fios dos sinais nem os telegráficos das Companhias ferroviárias; e, para fazer impossível todo erro, se insistia minuciosamente sobre os meios de distinguir os fios das Companhias dos do Estado.

A hecatombe dos fios telegráficos e telefónicos, foi considerável em toda França e durou até a queda do Ministério Clemenceau¹⁶.

16 Georges Clemenceau (1841 – 1929), prefeito de bairro durante a Comuna de Paris, escapou da morte por pouco. De 1876 a 1893 foi deputado radical, senador em 1903

Com a chegada do ministério Briand¹⁷ houve uma espécie de amnistia, uma suspensão de hostilidades contra as linhas telegráficas, ao ter os novos ministros deixado entrever como próxima a reintegração das vítimas da greve.

Depois, em diversas ocasiões, alguns grupos, para protestar contra a arbitrariedade do Poder, entregaram-se a esta guerra contra os fios telegráficos e telefônicos. Tenho aqui, a título documental, um dos balanços de um dos grupos mais activos neste tipo de operações:

Sétimo balanço do grupo revolucionário segredo da região de Joinville e anexos:

Cabos telegráficos e telefônicos cortados para protestar contra a detenção arbitrária do camarada Ingweiller, secretário da União Sindical dos Operários Metalúrgicos, as perseguições escandalosas contra o comitê de greve do metal e as condenações pronunciadas o 25 de Julho de 1910.

Operações realizadas pelo comitê revolucionário segredo da região de Joinville e o comitê de Seine-et-Oise desde o 8 de Julho de 1910:

Região de Montesson, o Vesinet, Pont du Pecq: 78 linhas, 25 de Julho.

Estrada de Melun a Montgeron: 32 linhas, 25 de Julho.

Estrada de Corbeil a Draveil: 24 linhas, 28 de Julho.

Linha do PLM, (Põe-te de Charenton): 87 linhas.

Total: 221 linhas.

Soma dos seis balanços precedentes: 574 linhas.

Total: 795 linhas

A sabotagem, além de um médio de defesa utilizado pelo produtor contra o patrão, pode converter-se num médio de defesa do público contra o Estado ou as grandes Companhias.

e ministro do interior em 1906, ano no que chegou a Presidente do Conselho. Seu mandato durou 2 anos e 9 meses distinguindo-se pelos violentos ataques aos socialistas e pelas tentativas de fazer fracassar o crescente movimento grevista. Em 1917 voltou a ostentar o mesmo cargo no governo, presidindo a Conferência da Paz de Paris de 1919.

17 Aristide Briand, (1862 – 1932), unido aos socialistas de Jaurès de 1894 a 1906, foi expulsado do partido neste ano por ter aceitado o cargo de ministro de Educação Pública e do Culto no governo de coalizão radical, cargo que conservou até 1909 completando a separação entre a Igreja e o Estado. Sucedeu a Clemenceau como presidente do Conselho, e se ganhou a hostilidade de seus antigos camaradas ao reprimir em 1910 uma greve de ferroviários chamando ao serviço militar aos reservistas em greve. Presidiu 11 governos.

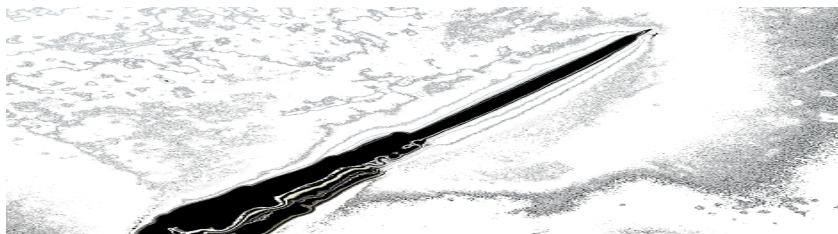
O Estado - a grande senhor, grande honra! - já sofreu as consequências. Sabemos com que desenvoltura explora os serviços públicos que tem englobado. Sabemos também que os viajantes da rede do Oeste são, entre os demais, os pior favorecidos. Também, em mais de uma ocasião um vento de raiva passou sobre eles e houve então, numa crise de sublevação, uma fusão das classes contra o Estado maldito.

Assistimos a um violento sabotagem da estação St. Lazare... mas não foi senão um gesto de exasperação impulsivo e momentâneo.

Agora bem, tenho aqui que desde fins de Agosto passado acaba de se constituir um sindicato de "defesa dos interesses dos viajantes" e, desde seu nascimento, convencido da inanidade dos meios legais, afirmou, numa reunião mantida em Hoiulles, sua vontade de recorrer, para obter satisfações, a todos os meios "possíveis e imaxináveis", e se declarou partidário de uma sabotagem intensiva do material.

Prova de que o sabotagem vai andando seu caminho!

O obstrucionismo



O obstrucionismo é um procedimento de sabotagem ao revés, que consiste em aplicar os regulamentos com um cuidado meticuloso, em realizar o trabalho a cargo de um, com uma prudente lentidão e um escrúpulo exagerado.

Este método utiliza-se sobretudo nos países germânicos e uma de suas primeiras e importantes aplicações levou-se a cabo em 1905, em Itália, pelos trabalhadores das ferrovias.

É inútil insistir para demonstrar que, especialmente no que respeita à exploração das vias férreas, as circulares e os regulamentos se superpõem os uns aos outros; também não é difícil conceber até que ponto sua escrupulosa e estrita aplicação pode implicar perturbações no serviço.

O exemplo mais eloqüente deste procedimento de sabotagem deram-no os ferroviários italianos, em 1905, com seu famoso obstrucionismo, graças ao qual a desorganização do serviço foi fantástica e formidável, e a circulação de comboios ficou quase suspensa.

A evolução do que foi este período de resistência passiva fará compreensível toda a engenhosidade desta tática da luta operária. Os repórteres que viveram a "obstrução" podem nos oferecer relatos que possuem um valor que não teria uma memória teórica. Sua é, pois, a palavra:

O regulamento quer que se abra a bilheteria para a distribuição dos bilhetes trinta minutos dantes da hora de saída do comboio e que se feche cinco minutos dantes.

Abrem-se pois as bilheterias. A multidão aperta-se e impacienta-se. Um senhor oferece um papel moeda de 10 francos para pagar um bilhete de 4'50 francos. O empregado lê-lhe o artigo que impõe aos viajantes a obrigação de se apresentar com seu custo exacto contado até os centimos. Que vá pois a procurar mudança. O incidente repete-se com oito viajantes da cada dez. Contra todo costume, segundo o regulamento, não se facilita troco ainda que só fora por um franco. Passados uns vinte e cinco minutos, mal umas trinta pessoas tomaram seus bilhetes. Os outros chegam ofegantes com seu troco. Mas a bilheteria está fechada porque o prazo regulamentar consumiu-se. Não vão crer, de qualquer jeito, que os que puderam tomar seus bilhetes não são dignos de compaixão. Não se acham senão ao começo de suas penalidades. Subiram ao comboio, mas o comboio não inicia a saída. Deve esperar a que outros comboios cheguem, comboios que se acham avariados a quinhentos metros da estação. Pois, segundo o regulamento, levaram-se a cabo ali manobras que determinaram uma detenção interminável. Alguns viajantes, impacientados, chegaram a descer para atingir a pé a estação, mas os vigilantes detiveram-nos e puseram-lhes uma denúncia.

Ademais, no comboio que tem que partir, há dois tubos de calefação que devem ser vigiados, e uma inspecção minuciosa pode durar até duas horas. Por fim o comboio move-se. Lança-se um suspiro de alívio. Crê-se chegar a destino. Ilusões!

Na primeira estação, o chefe de comboio examina todos os carros e dá as ordens oportunas. Verifica-se sobremaneira se todas as portas se acham bem fechadas. Dever-se-ia ter detido um minuto, mas é um quarto de hora ao menos o que há que apontar...

Estes incidentes, que se produzem o primeiro dia em Roma e um pouco por todos os lados, não dão senão uma imagem, imperfeita ainda, da situação. Para as manobras nas estações e para a formação dos comboios de mercadorias, as coisas vão ser bem mais complicadas.

E todo isso entremesclado com incidentes grotescos ou divertidos como para rolar a rir aos fantasmas de Sapeck.

Em Milão, um comboio tinha-se formado penosamente após hora e meia de trabalho. O vigilante passa e vê, justo em médio, um desses velhos e horríveis vagões que, por avareza, as companhias se obstinam em fazer circular. "Vagão fora de uso", pronuncia. E seguidamente há que desprender o vagão e voltar a formar o comboio.

Em Roma, um condutor deve devolver sua máquina ao depósito. Mas

dá-se conta de que, por trás do ténder, não se colocaram os três faróis regulamentares.

Nega-se pois a mover-se. Vai-se em procura dos faróis; mas, no depósito, negam-se a entregá-los pois reclama-se uma ordem escrita do chefe de estação. Este incidente leva sua boa meia hora.

Na bilheteria apresenta-se um viajante com um bilhete de custo reduzido. No momento de selá-lo, o empregado pergunta:

- *É você certamente o senhor Fulano de Tal, cujo nome figura sobre o bilhete?*
- *Certamente.*
- *Possui você documentos acreditando sua identidade?*
- *Não, não os levo em cima.*
- *Então, onde encontrar duas testemunhas que me garantam sua identidade.*

Sempre na bilheteria, se apresenta um deputado:

- *Ah! Você é o honorável X...?*
- *Justamente.*
- *Sua credencial?*
- *Aqui está.*
- *Quisesse você assinar?*
- *Com muito gosto, um tinteiro.*
- *Desgraçadamente, não tenho.*
- *Então, como vou assinar?*

E o empregado, tranquilo, imperturbável, contesta-lhe:

- *Acho que na pensão...*

O correspondente de um jornal de Paris narrou, por essa época, sua burlesca viagem durante a obstrução:

Fix-me conduzir à estação Termini (em Roma), onde chegava justo à hora da saída regulamentar do comboio de Civita-Vecchia, Genova, Turín e Modena.

Apresentei-me na bilheteria que estava livre:

- *Estou ainda a tempo para o comboio de Genova?, perguntei ao empregado.*
- *Certamente, o comboio de Génova não saiu ainda.*
- *Dá-me, pois, um bilhete de ida e volta para Civita-Vecchia, digo-lhe passando-lhe meu custo completo por adiantado.*

O empregado toma meu custo, observa minuciosamente uma por uma a cada moeda e a cada cêntimo, as apalpa, as faz soar para as verificar, e todo isso com tal lentidão que lhe digo, fingindo impaciência:

- Mas vai fazer você que perca meu comboio!
- Bab! Seu comboio não sai ainda...
- Como! Como!, digo-lhe.
- Sim... dizem que há alguma coisa estragada na máquina...
- Bem, e daí? Mudar-se-á!
- "Chi lo sa?..."

Deixo a este homem impossível e atinjo a plataforma, da qual a fisionomia é anormal. Já não há esse ir e vir febril dos carteiros, dos empregados; estes se voltaram a marchar em pequenos grupos, falando calmamente entre eles, enquanto os viajantes vão acima e abaixo ante as portas abertas do comboio. Por todas partes impera a tranquilidade de uma pequena estação de província.

Acervo-me a um vagão de primeira classe. Uma dúzia de peões abrilhantam as empunhaduras de cobre, limpam os cristais, abrem e fecham as portas para assegurar-se de que deslizam bem, sacodem o pó das almofadas, provam as torneiras de água e os interruptores da luz eléctrica. É um verdadeiro zelo de limpeza, facto insólito nas ferrovias italianas. Decorreram oito minutos e o carro não se acha ainda a ponto.

- "Diu mio!", exclama um dos peões, há ferrugem sobre as empunhaduras desta porta!

E esfrega a ferrugem com um ardor sem igual.

- Vai limpar deste modo todos os vagões?, pergunto-lhe.

- Todos!, contesta-me este homem consciencioso com voz grave. E ficam quinze por limpar ainda!

Enquanto, a locomotiva ainda não se acha aqui. Interesse-me. Um empregado complacente assegura-me que o mecânico entrou no depósito à hora regulamentar, mas lhe fez falta muito tempo pôr sua máquina em condições, pois quis pesar os sacos de carvão, contar um por um os tijolos de conglomerado; por fim, preocupado em quanto a alguns aparelhos, teve que rogar de seu chefe de serviço que viesse a discutir com ele - de acordo com o regulamento!

Assisto ao diálogo seguinte entre um subchefe de estação e o chefe de comboios:

- Ouça, diz o subchefe de estação, sabe você muito bem que se exige que o comboio seja formado seguindo os regulamentos não sairemos nunca.

- Perdoe, chefe, replica o outro com acalma. Em princípio há que respeitar o artigo 293 que exige que os carros com topos fixos revezem entre os carros com topos de mola. Ademais há que reformar o comboio, pois nenhum dos topos coincidem exactamente com seu contrário, como está prescrito no artigo 236, apartado A. As cadeias de segurança faltam em parte em certos vagões, que em consequência, haverá que reparar, como o exige o artigo 236, apartado B. Por outro lado, a formação do comboio não está efectuada como se acha prescrito, porque os vagões para...

- Tem você muita razão, diz o subchefe de estação, mas para fazer tudo isto faz falta um dia inteiro!

- Tem toda a razão, suspira o chefe de comboio. Mas, a você que lhe importa? Uma vez em rota a responsabilidade recai por inteiro sobre mim. Insisto, pois, em que o regulamento seja respeitado.

Finalmente, um apito anuncia que a locomotiva se aproxima, se detendo longamente na cada entrada em agulhas para uma longa discussão entre o mecânico e o guarda-chaves. Chegando à via onde a aguarda nosso comboio, o mecânico se detém outra vez mais com prudência: dantes de ir mais longe e de abordar a cabeça do comboio quer saber se os travões dos vagões acham-se em bom estado, se não há electricistas e outros agentes sobre os tetos dos vagões... um acidente produz-se com rapidez! Por fim o mecânico declara-se satisfeito e leva sua locomotiva à amarradura.

Vamos sair?... Vamos bem! O manómetro da máquina deve marcar cinco graus e marca quatro. Normalmente sai-se apesar de todo e a pressão sobe pelo caminho. Mas o regulamento exige os cinco graus na saída e nosso mecânico não sairia por nada do mundo em 4'9 décimas esta tarde.

Acabamos arrancando com hora e meia de atraso. Saímos da estação com prudente lentidão, assobiando em todas as agulhas, passando seis comboios avariados a dois quilómetros de Roma e cujos viajantes amaldiçoam à cada qual melhor e... estamos aqui baixo a prova dos controladores que empregam seu tempo fazendo assinar aos viajantes provistos de permissões, de semipermisões e de passes de circulação.

Entre tanto, primeira estação. Alguns viajantes sobem. Os empregados verificam lentamente o fechamento de todas as portas, que abrem e fecham. Dez minutos perdem-se ainda. Apesar de tudo, o chefe assobia para a saída.

- Momento! Grita-lhe o chefe de comboio. Momento!

- Que ocorre? pergunta o chefe de estação.

- Vá fechar a vidraça daquele compartimento como o prescreve o artigo 676 do regulamento.

E como o disse, assim o faz!

Partimos de novo... na estação seguinte, nova comédia.

Há uns pacotes que tomar, nove baús e cinco malas que o chefe de comboio se interessa em verificar dantes dos admitir, como está prescrito pelo artigo 739 do regulamento.

E chegamos, por fim, a Civita-Vecchia, a meia-noite e quarenta minutos com cerca de três horas de atraso num percurso que, ordinariamente, se faz em duas horas...

Isto é o obstrucionismo: respeito e aplicação levados até o absurdo dos regulamentos; realização do labor adjudicada com um cuidado excessivo e uma não menos excessiva lentidão.

Exposto isto, não seria inútil conhecer a apreciação realizada em quanto a esta tática pelo Congresso Internacional dos Operários do Transporte, celebrado em Milão em junho de 1906. O informante era um delegado austríaco, o cidadão Tomschick:

É muito difícil explicá-lo, declarava: o Congresso recomenda aos trabalhadores das ferrovias que vão à greve ou que empreguem a resistência passiva.

Por exemplo, o que é bom e possível em Áustria pode ser mau e impossível de executar em outros países...

Referente à resistência passiva: é antiga, já foi aplicada em 1895. Os camaradas italianos aplicaram a resistência passiva muito torpemente fazendo-a extensiva igualmente aos comboios de viajantes. Deste modo excitaram à população, o qual era absolutamente inútil já que a circulação dos viajantes não é a parte mais importante do comércio, só figura em segundo termo. Para as ferrovias é sobretudo a circulação da mercadoria que entra em consideração e há que golpear às ferrovias com sua detenção.

Se os camaradas italianos tivessem actuado deste modo, tivessem sem dúvida obtido grandes benefícios. Quanto mais acumulam-se as mercadorias, tanto mais detém-se a circulação total e deriva-se a consequência de que os viajantes protestam porque devem permanecer fora e esperar em vão seu transporte. Neste caso as reclamações dos viajantes não irão destinadas aos trabalhadores das ferrovias senão às administrações. Em Itália pôde-se constatar o contrário: a população estava na contramão dos trabalhadores das ferrovias.

Digo-vos que a resistência passiva é bem mais difícil de executar que a greve. Durante a resistência passiva os trabalhadores acham-se constantemente baixo o chicote dos superiores; à cada quarto de hora devem de defender-se de toda sorte de ordens e, por causa de se negar ao trabalho, podem se ver despedidos à cada instante.

Tomai a todos os servidores públicos: o mais dez da cada cem conhecem as instruções, pois os empregados não se acham instruídos por seus chefes. Podeis pois por-

tanto imaginar-vos até que ponto é difícil o esclarecer e informar aos trabalhadores das ferrovias em decorrência de uma resistência passiva.

E, ademais, dá-se ainda uma circunstância importante que não há que esquecer: durante a resistência passiva se sobrecarga de trabalho aos homens indiferentes, devem correr de continuo, têm escasso repouso e pela perda da remuneração quilométrica têm ao mesmo tempo uma diminuição de seus ganhos. É por isso, insistimos uma vez mais, que a execução da resistência passiva não é em absoluto tarefa fácil...

Por outra parte, o Congresso não desaprovou a obstrução: não se pronunciou entre os meios - a resistência passiva e a greve - deixando para os interessados o cuidado de usar uma ou a outra segundo o julgassem preferível.

Estas reservas do congresso no que diz respeito à resistência passiva não eram de nenhum modo uma condenação, a tal ponto que ao ano seguinte, em outubro de 1907, os ferroviários austríacos recorreriam a este médio de luta: a obstrução prosseguiu-se durante uns quinze dias e as empresas viram-se obrigadas a capitular.

Desde então, em numerosas circunstâncias, o obstrucionismo foi praticado nos países austríacos: entre outras corporações que recorreram a ele, citemos aos empregados de correios e aos tipógrafos.

Conclusões



Como acabamos de ver, pelo exame das modalidades da sabotagem operária, em qualquer forma e momento em que se manifeste, sua característica consiste sempre -sempre!- em quebrantar a caixa patroal.

Contra esta sabotagem, que só ataca os meios de exploração, as coisas inertes e sem vida, a burguesia não tem bastantes maldições.

Em mudança, os detractores da sabotagem operária não se indignam de outra sabotagem -verdadeiramente criminosa, abominável e monstruosa- que constitui a essência mesma da sociedade capitalista.

Não se comovem ante essa sabotagem que, não contente com despojar a suas vítimas, lhes tira a saúde e ataca até às fontes da vida, a tudo, a tudo!

Mas há uma razão maior desta impassibilidade; e é que com esta sabotagem se beneficiam eles.

São saboteadores os comerciantes que, adulterando o leite, alimento das crianças, segam em flor as gerações novas.

Os farinhaes e padeiros que jogam na farinha talco ou outros produtos nocivos, estragando assim o pão, alimento de primeira necessidade.

Os fabricantes de café com amido e chicória, de bolos com vaselina,

de mel com amido e polpa de castanhas, de vinagre com ácido sulfúrico, de queijos com cera ou fécula, de cerveja com folhas de buxo.

Foram sabotadores os traficantes -patriotas como não?- que, em 1870-71, contribuíram à sabotagem de sua pátria entregando botas com costume de cartão para os soldados e cartuchos com pólvora de carvão; e o são seus filhos que, seguindo a carreira paterna com o mesmo espírito que seus progenitores, constroem as caldeiras explosivas dos grandes courazados, os capacetes rompidos dos submarinos, e fornecem ao exército carne de mono podre, viandas estragadas ou tuberculosas, pão com talco ou feijões, etc., etc¹⁸.

São sabotadores os contratistas, os construtores de vias férreas, os fabricantes de moveis, os vendedores de adubos químicos, os industriais de todo género e de qualquer categoria. Todos, sem excepção, são sabotadores! Pois todos, efectivamente, adulteram, calotam, falsificam quanto podem.

A sabotagem está em todas partes e em tudo: na indústria, no comércio, na agricultura... em tudo, em tudo!

Mas esta sabotagem capitalista que impregna à sociedade actual, que constitui o elemento no qual se move - como nós no oxigénio do ar - é condenável muito de outro modo que a sabotagem operária.

Esta último - há que fazer questão de isso! - só vai contra o capital, contra a caixa de volumes dos burgueses, enquanto a outro ataca à vida humana, destrói a saúde, povoa os hospitais e cemitérios.

Das feridas que faz a sabotagem operária só salpica o ouro; nas produzidas pelo sabotagem capitalista o sangue flui.

18 Outro recente exemplo de sabotagem capitalista:

Com motivo do "Circuito do Leste" montou-se um grande escândalo baixo o pretexto de sabotagem de aeroplanos. É supérfluo o descarregar aos revolucionários de tal crime já que têm em demasiado estima a esse invento maravilhoso como pára sabotá-lo... ainda que fosse pilotado por um oficial.

Depois da investigação reconheceu-se que o sozinho e único sabotador dos aeroplanos era um honesto comerciante... e patriota, ¡como não!

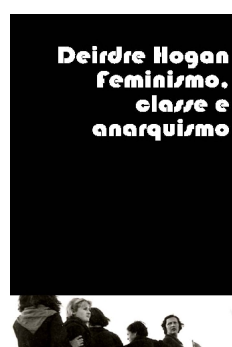
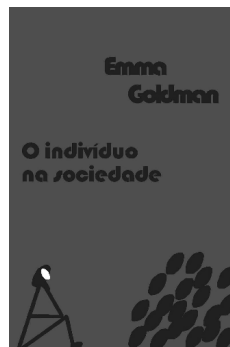
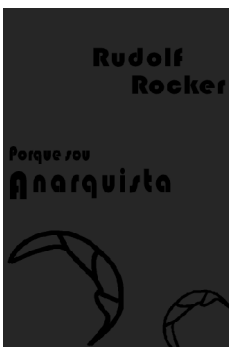
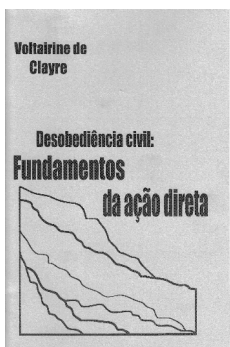
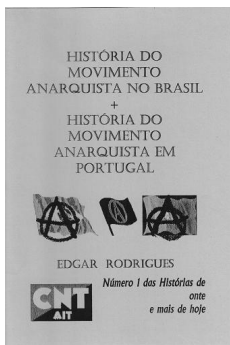
Tinha-se-lhe encarregado fornecer azeite de rícino de primeira qualidade (utilizado para a lubrificação dos motores) e serviu, em seu lugar, sulforricinato amoniacoal, produto inferior e nocivo, que vendeu, claro está, ao preço de azeite de rícino.

Baixo a acção do calor desenvolvido pela rotação excessivamente rápida o sulforricinato amoniacoal dissociou-se formando ácido sulfúrico, cuja acção foi desastrosa para os órgãos metálicos que em lugar de lubrificar deteriorou e imobilizou.

A sabotagem operária inspira-se em princípios generosos e altruístas: é um médio de defesa e protecção contra as exacções patronais; é o arma do deserdado que batalha por sua existência e a de sua família; tende a melhorar as condições sociais das multidões operárias e a livrá-las da exploração que as oprime e as esmaga... É um fermento de vida radiante e melhor.

A sabotagem capitalista, pelo contrário, não é mais que um médio de exploração intensificada; condensa os apetites desenfreados e nunca satisfeitos, é a expressão de uma rapacidade repugnante, de uma insaciável sede de riquezas que não retrocede ante o crime para se ver satisfeita... Longe de engendrar a vida, semeia a sua ao redor as ruínas, a dor e a morte.

Outras publicações da CNT



Todas à venda em edição impressa, aliás de disponíveis para descarga livre no web www.cntgaliza.org

Emile Pouget passaria à história do movimento operário em França por ter sido o autor deste ensaio, escrito que marcaria de maneira definitiva o desenvolvimento do movimento sindicalista a nível mundial.

Coisas terríveis expressaram-se na contra-mão desta ferramenta operária, no entanto, se atemos-nos ao exposto por Pouget, o conceito de sabotagem, imerso na tremenda luta de classes que cotidianamente se desenvolve por todos os lados, constitui um instrumento utilizado não só pela classe operária, senão também pela burguesia. Pouget exemplifica o anterior assinalando todas as acções negativas de que é capaz a burguesia com tal de aumentar seus ganhos.

A actualidade do texto é clara. Em um momento de liberalização das relações de trabalho e avanço da exploração operária, de prática sindical amansada, pactista, apaziguadora e retardatária, a afirmação dos métodos e as práticas revolucionárias da classe operária é mas importante que nunca. Três foram os meios básicos assumidos pelo anarco-sindicalismo: a greve, o boicote e a sabotagem.

A afirmar a prática do terceiro deles dedica-se este escrito. É por isso que a CNT pomos em circulação esta primeira edição de A Sabotagem, de Emile Pouget, a primeira feita na Galiza de um texto fundamental e ao tempo de leitura agradável e divertida.

www.cntgaliza.org